

FEMINISMO E ANTIFEMINISMO NO FACEBOOK: A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO MULHER¹

Ariane Silva da Costa Sampaio²

Para início de conversa...

O feminismo surgiu enquanto movimento social com vistas à defesa de direitos para mulheres, da liberdade e autonomia sobre seus corpos. A sua aparição no mundo ocidental se deu nas últimas décadas do século XIX na Inglaterra, com a luta por direitos civis, como o sufrágio, onde mulheres organizadas tomaram ruas, promovendo grandes manifestações, incluindo greves de fome. Posteriormente, esse movimento seria conhecido como a primeira onda feminista (PINTO, 2010). No Brasil a luta pelo voto também foi a precursora do movimento feminista. Lideradas por Bertha Lutz, as *sufragetes* brasileiras reuniram-se para protestar a favor do voto feminino a partir de 1910, fundando a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (PINTO, 2010). Somente em 1932, porém, esse direito seria contemplado no Novo Código Eleitoral brasileiro.

Ainda no século XIX, junto ao movimento de independência feminina, movimentos de contra-ataque antifeministas ganham peso, manifestando-se em várias frentes e tendo a educação como uma dessas frentes (CRUZ E DIAS, 2015). O antifeminismo fundamentava-se no discurso de incapacidade feminina como consequência das características biológicas que diferenciava mulheres e homens, defendendo assim a incapacidade natural daquelas de serem educadas por serem intelectualmente inferiores. Com a insustentabilidade dessa premissa, o discurso de exclusão feminina tomou outras direções, agora relacionadas a capacidade reprodutiva. Segundo Cruz e Dias (2015, p.37), os médicos relacionavam a educação das mulheres com danos a sua capacidade reprodutiva ao afirmarem que o estudo desviava a energia dos ovários para o cérebro, tornando as mulheres estéreis.

Na atualidade, feminismo e antifeminismo se constituem como movimentos marcantes em nossa sociedade e passam a configurar outros espaços discursivos de confronto, além do discurso teórico, das manifestações de rua e pelas mídias em geral. Com a ascensão da internet e das redes sociais digitais (CASTELLS, 2018), os movimentos encontram um novo lugar para construção e desconstrução de sentidos para representar o sujeito mulher contemporâneo. Considerando tal contexto, temos como propósito, nesse trabalho, analisar a representação do sujeito mulher em páginas feministas e antifeministas no Facebook, rede social digital de grande alcance de usuários, a

¹ Trabalho sob orientação de Washington Silva de Farias (Professor da UFCG).

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino – UFCG, atuando na linha de pesquisa Práticas sociais, históricas e culturais de Linguagem. Bolsista Capes.

fim de entender os efeitos de sentidos mobilizados na constituição discursiva do sujeito mulher. Em pesquisa exploratória nessa rede, realizada em maio de 2019, encontramos 171 páginas feministas e 20 antifeministas. A proporção de páginas feministas nos mostra como o facebook é espaço de significação importante para a afirmação do movimento feminista na atualidade. Já a quantidade de páginas antifeministas, apesar de poucas em relação às feministas, repercutem nelas o discurso conservador, através de textos verbais ou imagéticos, configurando-se como espaço de reação aos sentidos do feminismo.

Temos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso pecheutiana, quanto ao conceito de sujeito, formação discursiva, posição e lugar discursivo, (PÉCHEUX, 2014; ORLANDI, 2016, GRIGOLETTO, 2007). Analisaremos as diferentes posições-sujeito sobre a mulher a partir dos movimentos de filiação interdiscursiva em páginas de facebook feministas e antifeministas a FDs dominadas por saberes que demarcam posições ideológicas feministas ou antifeministas. A respeito dos movimentos sociais, nos apoiaremos em reflexões de Scott (1992), Pinto (2010) e Schmidt (2006). Nosso corpus foi recortado a partir de doze páginas, sendo seis identificadas como antifeministas – *Anti-feminismo, Anti feminismo, Mulheres contra o feminismo, Feminismo é uma doença gravíssima, Não ao feminismo e Feminismo, não, obrigada* – e seis feministas -- *Feminismo Negro, Feminismo sem demagogia – original, Ventre Feminista, Feminismo Radical Didático, Transfeminismo e TODAS Fridas*. Na escolha das páginas, consideramos o número de curtidas e as diferentes orientações ideológicas. Tomamos como vestígios de representação discursiva do sujeito mulher, os nomes das páginas, foto de perfil e de capa e a apresentação na aba “Sobre” de cada página.

O antifeminismo na rede: entre a beleza, a loucura e a religião

Nossa análise mostrou que as representações do/sobre o sujeito mulher nas páginas antifeministas são construídas a partir da mobilização dos domínios estético, médico e religioso na assunção de posições que opõem imagens da mulher feminista e da mulher não feminista.

Na primeira representação, são mobilizados sentidos do domínio da beleza, enfatizando traços que são vistos como negativos na nossa sociedade, como falta de depilação, velhice e aparência análoga às bruxas, bem como do domínio médico, a exemplo da loucura. Esses sentidos retomam discursos embasados no mito da beleza (WOLF, 2018), que constroem um padrão estético para mulheres legitimado pela ideologia patriarcal, bem como pela ideologia médica da histeria feminina (TRILLAT, 1991), que associa ações e sentimentos femininos, como liberdade sexual, raiva ou indignação com regras sociais, que colocam a mulher em postura de submissão, como doença.

Na segunda, os sentidos mobilizados estão no âmbito do religioso, realçando traços da beleza, da vocação para a maternidade e para o casamento como características do sujeito mulher não feminista. O lugar discursivo antifeminista, nesse caso, retoma os sentidos do discurso patriarcal que inscreve o sujeito mulher num lugar de submissão ao marido e de manutenção da família tradicional.

Figura 1 - Perfis de páginas antifeministas



Fonte: Imagens de páginas antifeministas no facebook em abril de 2019.

Como podemos observar na Figura 1, nas páginas antifeministas, a mulher é representada pela imagem da militante feminista contra homens, pelo corpo desnudo, pela ostentação econômica ou pelo “desleixo” estético (cabelos desgrenhados e pelos no corpo), retomando efeitos de sentidos sedimentados pela memória discursiva da ideologia patriarcal antifeminista. A mulher feminista lutaria assim não contra o sistema, mas contra os homens, no intuito de ocupar o seu lugar no social e negar sua essência feminina. Podemos ver essa representação do sujeito mulher feminista sobretudo na Figura 2.

FIGURA 2 - SD1: Imagens de capa e perfil de duas páginas



Fonte: Imagens de páginas antifeministas no facebook em abril de 2019.

Já a imagem da mulher não feminista no espaço público é representada pela submissão à figura masculina (a Primeira Dama da República, Michele Bolsonaro, ao lado do marido, vestida de rosa, a duquesa de Sussex, Meghan Markle, segurando o guarda chuva para o seu marido). Os

significantes verbais utilizados pelas páginas, em especial a *Feminismo, não, obrigada*, também retomam os sentidos da mulher submissa, como podemos ver na SD abaixo.

SD2

As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor (Ef5;22).

Como podemos ver, ao retomar a bíblia enquanto descrição da página, o sujeito enunciator mobiliza o domínio da religião novamente para representar o sujeito mulher não feminista e interpela seus leitores a assumirem essa posição-sujeito mulher.

Percebemos, assim, nas páginas que compõem nosso *corpus*, o imbricamento entre a ideologia antifeminista e a religiosidade cristã que interpela as mulheres a ocupar uma posição, a mulher feminista, a serva de Deus e esposa ideal, e a rejeitar a posição mulher feminista, a pecadora que luta contra a sua natureza, e. Seja por meio de citação bíblica, ou a representação das vestimentas do imaginário cristão evangélico, o efeito do discurso religioso é colocado junto ao do mito da beleza e o da histeria para depreciar o lugar feminista e elevar o não feminista.

Os feminismos na rede: lugares outros possíveis

Nas páginas feministas, o sujeito mulher é representado a partir da desconstrução de efeitos de sentido evidentes sobre o ser mulher impostos pelos discursos patriarcal e conservador. Nelas, diferentemente das páginas antifeministas, não se explora a divisão/antagonismo entre o sujeito mulher feminista e o não feminista.

Figura 2 - Perfis das páginas feministas



Fonte: Imagens de páginas feministas no facebook em abril de 2019.

O sujeito mulher é representado como uma categoria construída no social, que possui diferenças de raça, gênero e orientação sexual e simbolizadas pelas figuras históricas de sujeitos-mulheres destacadas por sua militância intelectual, cultural e/ou política, como Ângela Davis, Frida Kahlo, Marielle Franco e Margarida Alves. Nesse processo parafrástico (ORLANDI, 1987; 2015), os sujeitos Angela, Frida, Marielle e Margarida mobiliza os sentidos para resistência já sedimentados no discurso feminista e, através do processo polissêmico (ORLANDI, 1987; 2015), os símbolos ultrapassam os sentidos cristalizados para representar todas as mulheres do movimento, da teórica feminista à líder camponesa, da artista à política.

A imagem do ventre feminino é retomada em duas páginas *Ventre Feminista* e *Feminismo Radical Didático*, mobilizando os sentidos para a importância do corpo feminino e sua autonomia política. Apesar dos sentidos se encaminharem para o biológico também, em ambas a defesa da mulher enquanto construção social e não natural ainda prevalece, seja pela posição-sujeito do feminismo liberal, seja pela posição feminismo radical, como podemos notar na SD abaixo.

FIGURA 3 - SD 3: A representação do ventre feminino



Fonte: Imagens de páginas feministas no facebook em abril de 2019.

O termo feminista está presente em quase todos os nomes das páginas do nosso *corpus*. Mesmo aquelas em que ele não é retomado é mobilizado por outros recursos. Nas páginas TODAS Fridas e Blogueiras Negras, o feminismo é evidenciado no uso de figuras reconhecidas dentro da militância feminista, Frida Kahlo e Marielle Franco. Desse modo, afirmar-se feminista é importante para o lugar em que as páginas se inscrevem, assim como a desconstrução do imaginário sobre a mulher, a desestabilização dos sentidos negativos construídos pela ideologia patriarcal para o feminismo está presente, buscando-se uma nova possibilidade de representação para a mulher feminista militante, tendo como símbolo mulheres já conhecidas e relevantes para história.

A representação para o sujeito mulher é então constituída pela sua historicidade própria e não por critérios de ordem estética, biológica ou natural. O lugar discursivo feminista nessas páginas se constrói a partir de sentidos de legitimação da autonomia feminina e rejeitando os sentidos legitimados pela opressão patriarcal. É um lugar marcado pela heterogeneidade de posições políticas

– marxistas, liberais, interseccionais, radicais –, mas que têm todas elas em comum a desconstrução da identidade feminina patriarcal.

Considerações finais

Os sentidos sobre o sujeito mulher em páginas antifeministas e feministas são mobilizados de formas diferentes. Enquanto nas primeiras se reforça o discurso conservador patriarcal dominante, nas segundas os sentidos se caracterizam pelo afrontamento desse discurso, se filiando a posições discursivas e ideológicas ora liberais ora progressistas, problematizando a posição social da mulher e suas formas de representação históricas. Constatamos ainda que a rede facebook é espaço discursivo privilegiado para ambos os movimentos, fazendo circular sentidos acerca do feminismo e do antifeminismo que devem ser analisados, principalmente no contexto atual de ascensão de ideologias conservadoras e discriminatórias que afetam determinados grupos sociais, (re)criando padrões de violência e rejeição ao debate das diferenças.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*, vol. 2. 9.ed. rev. ampl. – São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, Maria Cristina. INDURSKY, Freda. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* 2. ed. rev. e am. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. [et al]. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2015.
- PINTO, Celi Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.
- SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. *A escrita na história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- TRILLAT, E. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.
- WOLF. Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.